

ALMA ALGARVIA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Politica = Literaria = Artistica

DE

SILVES e PORTIMAO

PROPRIEDADE DA

Tipografia Artistica do Algarve

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

Toda a correspondencia para a Rua 5 de Outubro

SILVES

SÓ INSERE COLABORAÇÃO QUE FOR SOLICITADA

Condições de assinatura

Silves e Portimão
60 centavos por semestre

Resto do Paiz
70 centavos por semestre

Para o estrangeiro
o excesso da franquia



Anuncios na secção compe-
tente: 4 centavos a linha

Permanentes—Condições
que se convencionarem

Pagamentos
adeantados

A *Alma Algarvia* publicará a sempre que seja conveniente para uma boa informação: Isupementos diarios ou semanaes, separatas, manifestos de propaganda, etc., para o que temos tipografia propria em Silves.

VIDA LITERARIA

LIVROS NOVOS
POETAS ALGARVIOS

Vae liudo o tempo para falar de poetas. Envolve nos a Primavera, sempre carinhosa, com a sua luz tremulante d'oiro e perola, ungingo serras e campinas — Primavera amante que beija as primeiras rosas que despontam e põe doces arpepios em setinosas carnes de peccado...

São as pereiraes reffloridos de brancas flores, haouçando-se de gozo sob as orvalhadas matutinas; as serras cinzentas vestindo rosmonoflocadas da seda dos estevaes, e o verde campo brotando fructos, a exalar perfumes.

Agora é que é falar de poetas — nestes momentos d'uma indefinida doçura feita de alegrias e de tristeza, em que esvoaça uma melancolia amada, e tudo que tem *côr* e *som*, que seja a albente aza da vela dum barquito chafando ao largo, ou a sombra rôxa duma olaia refflorida, nos alicia para a Elegia do Sonho.



Paulo Madeira

da Argentina onde elle ha tempos moireja e ordena a Vida. Todos nos lembramos do Paulo Madeira — o interessante director do *Povo Algarvio* — com a saudade que deixam sempre os bons espiritos e dedicados camaradas.

Paulo Madeira era um republicano convicto, inteligente, alma rude mas franca, leal — quando veio a republica teve as desilusões que muitos tiveram... Bramiu, chorou e sumiu-se para terras distantes onde foi ganhar a vida, disfarçando a sua nostalgia com os seus filhinhos queridos e dando o resto do seu tempo á paixão literaria.

O «*Cuento Moderno*» é um poema de versos feitos com o coração — um drama de miseria em que um obreiro caido e sem recursos, enlouquece por entre a falta de caridade dos ricos, dos privilegiados; mais tarde recupera a razão mas não odeia os que lhe fizeram mal, antes reza por elles com piedade.

Versos dum revoltado bom, dão-me a comprehensão de que na alma do autor ainda lá erra aquele amor pelos oprimidos — uma esperanza imorredoura por Fraternidade... mais sensível...

E' o mesmo Paulo Madeira, com as mesmas ideias, mas com muito mais brilho na forma literaria, mais apuro e elegancia de estilo.

Um abraço para o nosso velho camarada, e apenas um pedido:

Para outra vez não escreva os seus versos em hespanhol...



Jeronymo Buisel

O senhor Jeronymo Negrão Buisel, durante o tempo que esteve preso por coisas politicas, escreveu um pequeno livro «*A' Sombra*» que lemos com o maior interesse e merecida atençao, agradecendo o exemplar ofertado.

Não é grande a obra do senhor Buisel mas em tudo que trabalha põe um certo brilho muito elegante e simples que nos faz ter pena de que produza tão pouco, deixando-se vencer por este clima preguiçoso...

Neste livro não me agradam todos os seus versos, mas em compensação, alguns, muito me encantam e delicias.

Pela expressão colorida, psicologia sintetica de *traços*, citarei os que mais me interessaram, ressaltando, é claro, o que no meu sub-jetivismo possa haver de falivel.

O *Perreuil*, *A Princesa do Arade*, *Desamparados*, *Incompreensivel*, *A Tuna* e *O Teu olhar* — eis dos que mais gostei.

Tudo o livro se lê com muita leveza, havendo a notar que o seu autor não recorre ao exagerado *arrebique* dos sinonimos preciosos para nos dar belos versos.

De resto, é o livro de mais um patricio inteligente e culto, de quem Coelho de Carvalho, o nosso grande escritor e imminente algarvio, disse o melhor possivel e cuja critica acatamos com o respeito que se deve aos mestres.

POR TERRAS EXTRANHAS

UM SUICÍDIO

Os jornaes do Rio noticiaram, ha dias, o suicidio de um rapaz de vinte e tres anos—casado havia um mes! Um mes depois de casado—quando a *lua de mel* subia ainda na curva do seu destino! quando as rosas da Primavera buscavam noutras rosas, egualmente primaveris, a perpetuação da vida pela comunhão do amor!

E, pelo meu espirito, alvoroçado, mais ve-loz do que o vento, passou a tragedia rapida desse alvorecer, que, procurando o dia luminoso da felicidade, se refugiara na morte—na noite eterna e escura...

Esse jovem casou, evidentemente por amor—e, simultaneamente, convencido de que, casando, conquistava o Paraiso. Se tivesse casado por interesses monetarios ou pela necessidade *reumatismal* de uma enfermeira, perante o insucesso, a tudo se decidiria menos a ideia de se suicidar.

E ele perpetrou um consorcio romanticamente sentimental. Na mulher a quem primeiro incensou como namorada, que depois adorou como noiva, a quem beijou por ultimo como metade da sua metade, fantasiou todas as delicias, prestigiando-a de todas as seduções.

Devia ser bastante poeta!—poeta na acção idealista da palavra, crendo com fé, amando com amor, aspirando com entusiasmo e revestir de perfeições celestes a creatura que só por milagre pisava a terra, com uns pés divinos que eram a causa, a vida das rosas e dos perfumes.

Foi noivo durante dois ou talvez tres anos. E esses tres anos infinitos pela impaciencia, momentaneos pela insatisfação, deram-lhe a embriaguez dum estase e o martirio duma cruz! Corresponderam ao periodo construtivo da sua vida—aquele em que, febreitante, as pupilas iluminadas, irmãs das dos videntes, erguem nas incertezas do futuro a cidade magnificente das suas aspirações.

Concebeu a remissão do barro original pela espiritualisação do sentimento. Nos olhos dela, talvez dum azul de *safira*, talvez dum negro de *basalto*, leu a promessa de caricias inesgotaveis.

Nos seus cabelos, não sei se claros como o Sol, se escuros como a Sombra, habituou-se a admirar os fios de seda, ondeados, que perpetuamente haviam de prende-lo ás suavidades dum jardim de delicias. E da sua boca, como do calix duma rosa, e do seu colo, como de

uma onda de espuma, e das suas niveas mãos como de duas bandeirinhas alvacentas, a flutuar, só saíam palavras da brandura, de murmúrios; só cabiriam bênçãos de paz sobre a sua cabeça venturosa; só irradiariam palpitações da levesa de perfumes...

Esse jovem, esse espirito, concebeu tudo aquilo em solteiro. Foi um construtor febril, edificando sem alicerces, erguendo sobre areia o palacio encantado da Felicidade.

Chega o dia do casamento. O coração inquietta-se-lhe, mais agitado do que o coreel em corrida. Casa. Recebe bênçãos, cumprimentos, sorrisos, joias, flores.

Instala-se no seu ninho.

Mas... os meus leitores estão a verificar a singularidade do caso—ele unicamente viu seduções, venturas—mel e rosas. E tendo andado pelos astros, roçando as estrelas, ao cair na realidade sentiu-se *amarfanhado* e surpreendido.

Porque, afinal?!—Porque a mulher não era apenas divindade—era tambem *mulher*. Porque a sua boca, não era apenas flor—era tambem uma *boca*. Porque o seu colo, porque as suas niveas mãos, lhe não podiam, de forma alguma, proporcionar toda a totalidade das delicias idealisadas.

Viu-se ludibriado pela sua propria fantasia. Julgou-se escarnerido pelo Destino. Isolado dum bom censo, neutral com a Humanidade, curvou a cabeça num desalento.

O palacio da Ilusão ruia; fez-se poeira irrisoria!

O Desalento, como resaca espumejante de maresia, envolveu-o, arrastou-o, sepultou-o em destroços e torvelinhos!

E ele jurou então salvar-se, levantar-se mais alto do que essa resaca, do que essa espuma, do que esses destroços e torvelinhos e do que o seu sonho—empunhando um revolver, premendo o aço dum gatilho, metendo uma bala na cabeça!

Acabou, suicidou-se! Salvou se das ultimas agonias do naufragio.

Porque a mulher não era boa, pura, linda e delicada?! Não. Porque sonhou de mais—porque quiz o impossivel!...

COMENTARIOS POLITICOS

Excerpto do opusculo «A Solução monarchica do senhor Alfredo Pimenta», por Julião Quintinha e que acaba de ser editado e posto á venda pela Livraria Ventura Abrantes — Lisboa, rua do Alecrim.

«Monarquia conservadora:

Dentro do regime monarchico, na actualidade, é a fórmula mais difficil; requer soma de competencias, de talento politico e, quasi duma forma geral, está mostrando a sua inviabilidade. Exemplos: Na visinha Hespanha, cuja vida e educação é algo reaccionaria, o senhor Maura é, sem contestação, um dos primeiros, senão o primeiro homem de Estado; entretanto, a sua politica foi batida por Canalejas e até o continua sendo por Romanones, politico secundarissimo. O proprio rei de Hespanha, que é inteligente, cada vez mais se esforça por contentar a corrente democratica...

Com esta politica nada tem perdido a Hespanha, cuja governação só muito tarde irá parar ás mãos dos *mauistas* — se fôr...

Na Italia,* é transparente a orientação democratica do rei e dos principaes homens de Estado.

Na Belgica, apesar do dominio do partido catolico, a orientação da politica era puramente democratica — actualmente Vandervelde é ministro do Estado.

Mesmo em Portugal mais duma vez houve tentativas conservadoras: — a de D. Miguel desapareceu numa luta fratricida e impiedosa, cujas nodos de sangue ainda não se apagaram; a outra, muito recente, com João Franco, deu esse epilogo, espantosamente tragico, da morte do rei Carlos e seu filho.

Ora no tempo de D. Miguel o Pais era outro; — miseravel de podridões politicas, povo faminto e sem a menor instrução, fanatisado por um clero estúpido e fradesco, saído das mãos dum rei idiota e duma rainha sem pudor — época imparcialmente retratada por Oliveira Martins no seu «Portugal Contemporaneo» que o senhor Alfredo Pimenta conhece.

Pois apesar dessa epoca de insolvença e do rei ter por si um exercito regular, fidalguia endinheirada, apoio da Austria e da Hespanha, não foi possivel vingar a monarchia conservadora!

No nosso tempo, já, todos observamos o ca-

* Falou-se ha poucos mezes, antes da guerra, numa conspiração em Italia, que vizava implantar a Republica.

so João Franco e o seu insucesso, querendo alevantar o *poder real*.

Caiu com estrondo, mais aos golpes dos proprios monarchicos do que dos republicanos; e, todavia, é oportuno lembrar que João Franco era um homem de rara energia e extraordinarias qualidades, não lhe faltando patriotismo nem inteligencia — a sua atitude para com a Republica tem sido corretissima — tinha, para nós republicanos, o *grande defeito* de ser monarchico...

João Franco conseguiu ao seu redor um grupo de homens de valor, do melhor que a monarchia tinha; e assim mesmo baqueou, em sangue, a tentativa conservadora!

Pois se no tempo em que na sociedade portuguesa predominava, com prestigio, o elemento conservador e deste faziam parte alguns homens de envergadura e competencia, não foi possivel alevantar o *poder do rei* e fundar a tal *Monarquia conservadora*, como dar vida a essa quimera empoeirada e retrogada na presente epoca onde a influencia das ideias republicanas é positiva e triunfadora, onde os elementos monarchicos, de acção e prestigio, caream, onde falta a principal materia prima — um rei que se imponha e que desperte, pelo menos, *curiosidade*?!
A monarchia conservadora... Um devancio...

Tal Monarquia é inadaptable ás condições da vida portuguesa — é que o portugues, em geral, incapaz de fazer coisas minimas por um pouco de raciocinio, é capaz do mais supremo sacrificio quando se persuada ferido no seu sentimentalismo.

Não conhece consequencias, nem atinge o *alto problema politico*; as suas ideias politicas sente-as, vive-as, *digere-as*, consoante a sua *educação*; e quem menos direito tem a revoltar-se contra esse povo são os monarchicos, que não lhe cuidaram da educação, que o abandonaram á fatalidade da sua inconsciencia. Tem uma grande ignorancia mas tem ainda maior alma, e dentro desta nutre um cruel desdem pela Monarquia... que nunca cuidou de lhe provar que não merecia esse desprezo.

Com um povo destes a Monarquia conservadora é uma aspiração platonica... um sonho que emparecerá na historia com o *miguelismo* e *sebastianismo* — um devancio aristocratico e nada mais.

AO REDOR DA GUERRA

Conflagração europeia

Colaboração especial da «ALMA ALGARVIA»

A apropriação dos navios alemães surtos nos portos portugueses, é materia de corrente direito internacional tão trivial que ninguem dotado de bom senso e medianamente inteligente pode acreditar que a Alemanha fizesse deste incidente *casum bellium*.

O direito que nos assiste nesta apropriação já ficou suficientemente definido e claramente explicado no boletim anterior, e tanto este direito é reconhecido, ipso facto, que já anteriormente a Italia assim procedeu, conformando-se a Alemanha com a tomada dos seus navios refugiados nos portos daquela nação.

Então a Alemanha usa de duas hermenêuticas diferentes, de dois direitos perfeitamente antagónicos, de duas praxes diametralmente opostas entre si, nas suas relações com os dois paizes latinos: — para a Italia o amplo reconhecimento do seu direito... para Portugal a declaração de guerra?!...

A diferença do seu procedimento consiste toda em que a Italia, embora em guerra com a Austria e ora identificada em seus interesses politicos e economicos com a Gran-Bretanha, não é um paiz em estreita e secular solidariedade economica e politica com a Inglaterra como sucede á Republica Portuguesa.

Tentando atinjar a Inglaterra duma forma bem directa e bem sensível, a Alemanha de ha muito procurava um pretexto para envolver Portugal no conflito e este pretexto, que para nós seria uma afronta se a sua iniciativa partisse do gabinete de Berlin, consistiu para o governo de Lisboa um titulo de gloria e de legitimo orgulho que de subito nos alcançára ao nivel das nações mais cultas do Mundo, alem de nos proporcionar favoral ensejo para honrarmos os nossos compromissos contrahidos com a Gran-Bretanha desde os tempos de D. Fernando, em 1378.

O brio nacional sente-se satisfeito com a *demarche* do barão de Rosen, ex-ministro da Alemanha em Lisboa, mas o direito vilipendiado pelos sofistas das universidades alemãs nem por isso deixa de atinjar-nos em plena face, e o insulto é de tal jaez, tão afrontoso, tão brutal, que nenhum deixará de cumprir o seu de-

ver ocupando com galhardia o seu posto de honra na lucta!

E' chegada a hora tragica do supremo sacrificio!... O tradicional heroismo portuguez nem um momento será desmentido, por mais sangrenta que a luta seja, por maior que seja o perigo para a nossa liberdade e independência que agora vamos defender valorosamente contra os brutais soldados do Kaiser.

As pequenas nacionalidades tambem fazem prevalecer o seu Direito, embora esmagado pelo abuso duma força colossal.

A Belgica, a tão sympathica e heroica Belgica, tem feito do seu infortunio uma sublime e grandiosa odyssea que será sempre o seu maior, mais puro e legitimo titulo de gloria.

A Servia, não menos sympathica nem menos heroica, tem assombrado o Mundo numa ingente e gloriosa lucta contra os imperios centrais!...

O seu imorredouro exemplo é para nós portuguezes um salutar incentivo nesta hora tão tragica, neste momento unico na já gloriosa historia da nossa Republica.

O Montenegro, envolto no seu sudario ensanguentado, lucta ainda no seu glorioso estertor contra a brutal força que o esnaga.

A sua epopea, feita de dores e tecida no infortunio dum povo heroico, é a maior e a mais sublime a que o Mundo tem assistido desta os mais consagrados feitos da Grecia antiga e da primitiva Roma nos aureos tempos de Aristides e Themistoches, de Menelau e de Aquiles, de Cincinatus, de Horacio Coches e dos Scipiões! Jámais se assistiu a uma queda tão grandiosa!

Portugal, cuja portentosa Historia nunca sera excedida em heroismo, tenacidade e gloria, não podia ficar indiferente ante o épico sacrificio da Belgica, da Servia e do Montenegro.

Tem já um logar marcado no seu brilhante posto de honra!

E' possivel, certo mesmo, o desembarque de tropas anglo-franco-russas na bahia de Lisboa... nesse Tejo tão azul, de tão magicos encantos, tão lindo em seus suaves murmurios — angelical préce do heroismo dos Gamas, dos Almeidas, dos Albuquerquees!

ALMA ALGARVIA

N.º 234 — 3.ª Serie — Ano V
1 de Abril de 1916

Diretor e editor—Julião Quintinha
Administrador—Henrique Martins

Redação, administração e oficinas
R. 5 de outubro Silves



DR. AUGUSTO SOARES

Ilustre Ministro dos Estrangeiros

Porque a Verdade e a Justiça devem ser o apanagio dos que escrevem para o publico, é com o maior prazer que hoje prestamos homenagem a um portuguez e republicano ilustre, o senhor Dr. Augusto Soares, ministro dos estrangeiros da Republica Portuguesa. que tem sabido erguer-se no geral conceito de todos os portuguezes que, justificadamente, o admiram e respeitam.

Não é vulgar em Portugal um homem novo aperceber-se com tanta discreção dos espinhos do seu cargo e vencer mil dificuldades com tanta delicadesa e apurmo—nobrememente alheado de *reclames*,

Cabe ao Dr. Augusto Soares a honra de ter dirigido a principal ação que a Portugal interessa na questão da guerra, e da forma porque o tem feito alguma coisa lhe deve Portugal.

O Dr. Augusto Soares é uma figura iminentemente discutida. a quem a Historia, um dia, necessariamente, marcará um lugar doirado, ganho com inteligencia, honradez e patriotismo.

Sua Ex.^a começando na politica por ser, quasi, um desconhecido, acabará gloriosamente. vincando uma das mais distintas personalidades da Republica, nesta epoca de confuzões e incoerencias...

ACORDA PORTUGAL!!!

Ha tempos terminava eu um artigo na *Alma Algarvia* por esta frase: «Portugal tem o dever e a obrigação sagrada de se desagrar; se o não fiser tem de rasgar o *Lusiadas* e afundar a nacionalidade».

Essa hora chegou. Os factos modificaram a natureza das coisas. Foi a Alemanha que nos declarou a guerra.

Quando do traçoireiro ataque a Naulila, em que gente portuguesa deixou a vida em terras de Africa, vítima das balas dos *boches*, em delicioso *rebuçado* o *statu quo* manteve se por vergonha nossa, com gaudío dos descendentes de Miguel de Vasconcelos e o aplauso, tacito, dos cobardes. E todavia era esse o momento proprio para a nossa entrada na luta, havia um honroso *casus belli* para nós. Seria o desforço attivo duma raça que gerou herois, a quem primeiro coube a honra de abrir a estrada do progresso aos adormecidos povos do Oriente.

Interesses, probabilidades da vitoria dos aliados, eram então os mesmos que agora, e talvez neste ultimo ponto fossem maiores que atualmente.

Misterios... talvez imposições diplomaticas; o certo é que a Alemanha continuou mantendo conosco as mesmas relações de convivencia e amizade, que têm as pessoas amigas, de quem não ha *razão de queixa*. A afronta *passou*, sem que um grito de protesto se fizesse ouvir, junto do estado alemão, e dos outros estados livres da Europa. A afronta *passou*. E agora, com o *pretexto* duma aquisição perfeitamente legal e justa, para não dizer affliiva, os orgulhosos *boches* declaram-nos guerra!

Ao que nos conduziu a nossa fraqueza militar!!...

Mas os factos são os factos, e o certo é que estamos em guerra. E estou quasi em aplaudir a incersão de situações, collocando-se os *boches* na posição de atacantes.

Partindo esse ato dum inimigo tão poderoso, estou certo, ele vincará fundo nas raizes da consciencia nacional, fazendo vibrar de dor a alma dos portugueses, como se todos os seus corações palpitassem no mesmo ritmo, vivessem do mesmo sangue: o sangue de Albuquerque, Nuno Alvares e Vasco da Gama.

A humanidade, disem alguns escritores, é feita mais dos mortos que dos vivos. A lembrança dos seus reveses e dos seus triunfos, contribue para fortificar, desenvolver, aperfeiçoar a grande consciencia nacional. Pode di-

zer-se, que só o nosso passado, rubro de gloria e grandeza, faria de nós um estado orgulhoso da sua independencia; pois o *fatalismo decadente* da nossa raça, ganhou dia a dia novos defensores.

E todavia a raça é a mesma que combateu em Ormuz, Malaca, Ceilão, lançou as bases dum grande imperio oriental, venceu em Aljubarrota, Montijo, Montes Claros e derrotou as tropas do grande Napoleão. Sim! a raça é a mesma desses herois, navegadores e poetas, que se atiraram às aguas, cortando o tenebroso oceano cheio de monstros, e foram, alem-Atlantico, impor ao gentio a civilização portugueza. Sim! somos os mesmos descendentes desses que descobriram a India, o Brazil, conquistaram quasi toda a Africa, deram a volta ao mundo e.....
numa mão a espada e noutra a pena, entre gente remota edificaram;... um novo reino que tanto sublimaram.....

E' sobre esta mesma raça que ha muito pesa um fatalismo decadente, cujas consequencias podiam ir até à perda da nossa independencia, com o silencio duma boa parte dos nossos compatriotas, que se dizem *letrados*.

Nessas horas de pungente tristesa, era consolador folhear as paginas desse historico monumento: o *Lusiadas*. E ali revigoravamos, de faces coradas pela vergonha, a nossa fé abalada, as nossas esperanças desfeitas; a nossa crença de grandeza tombada por terra; a nossa coragem nunca desmentida em mil batalhas, agora enfraquecida; a galhardia dum D. Fuas Roupinho; a palavra honrada dum Egas Moniz; o sacrificio dum D. Fernando; o heroismo dum Nuno Alvares Pereira; o caracter e arrojo dum Afonso de Albuquerque; a aventura dum D. Henrique; o genio Patriota dum Camões; todo esse passado que nos fala agora à alma, nesta hora de dolorosa incerteza e de perigo para a nossa Patria!

Declararam-nos, os *boches*, a guerra, depois do insulto de Naulila!

Pois bem: que essa guerra seja para nós portugueses um estímulo às nossas energias adormecidas, um grito de revolta às nossas almas abaladas pela descrença, o eco dos feitos de outrora—como se os nossos antepassados, empunhando a flamejante espada invencível, se erguessem dos tumulos para vingar a afronta feita à sua Patria.

Mocidade da minha terra! Ouvi bem: mostraí ao mundo que Portugal vive! Honrai a Patria!...

Os poetas algarvios

Teu nome

*Dice harmonia a do teu nome, qu'rida!
Como nos canta, e embala, e adormece!
(Nos meus labios êle é a ardente préce
Que leva a crêr em Deus e a amar a vida...)*

*E' como que uma musica sentida
Que, ouvindo-a a gente, nunca mais se esquece...
E' o grito de fé que robustece
A coragem e a esp'rança, já perdida.*

*O teu nome, o teu nome, meu amor!
E como um raio de Sol que faz surgir
N'uma haste tenra e débil uma flôr!*

*O teu nome! E' a gente, sem sentir,
Cerra os olhos, e vê-te, n'um fulgôr.
— Ai, quem m'os dera, então, nao mais abrir!*

Faro-915

José Dias Sancho.

Desprendimento

*Em noites estreladas, silenciosas,
Erguendo os olhos meus ao firmamento,
Com eles vai, tambem, meu pensamento
Trilhar longas estradas luminosas.*

*Entre longiquas plagas vaporosas
Onde mal chega, ainda, a voz do vento,
Eu busco um linitivo, e o esquecimento
Das coisas transitorias, dolorosas...*

*No vôo ascensional, inegalavel,
Mink'alma vae, tambem, ingenua e seria,
Levada como em sonho inarravel,*

*E vai, e sóbe ao aito, e faz-se eteria,
Do ser que em mim existe, em forma estavel,
Só fica cá na Terra... a vil materia...*

(Inédito).

Reis Varela.

A GUERRA

Portugal e a Alemanha — Apontamentos para a Historia

O Dr. Alexandre Braga, que pede a palavra e pronuncia um lindo discurso, igualmente tem palavras de encomio para a Grã-Bretanha. Conclue por mandar para meza a seguinte moção:

«O congresso da Republica, ouvidas as declarações do governo, apoia o seu procedimento e reconhece com ele a oportunidade da constituição de um ministerio nacional que continue a salvaguardar a honra da Patria, executando as deliberações do poder legislativo conducentes a esse fim.»

Depois segue no uso da palavra o sr. dr. Antonio José de Almeida que faz uma brilhante e comovedora oração patriótica e se associa ao procedimento do governo, apoiando-o; termina por ser saudado com uma salva de palmas.

O dr. Brito Camacho diz que é o dever de todos os portuguezes honrar Portugal. Por isso o partido unionista aplaude a moção do sr. dr. Alexandre Braga.

Protesta contra a grave injúria contida na nota alemã, constituída pela arguição de que em Naulila foram traçoeramente atraídos, e mortos, officiaes alemães; e diz ser indispensavel que um rigoroso inquerito mostre á face do mundo que isso é uma calunia.

Disseram que Portugal era vassalo de Inglaterra.

Podiam ter dito que era *escravo*, mas era *escravo* dos seus compromissos!

O sr. dr. Costa Junior aprova as declarações ministeriaes e declara que o partido socialista está ao lado da Patria.

Depois foram aprovada a moção do sr. Alexandre Braga e a proposta de lei do governo.

Das galerias rompem aplausos, vivas á Patria e á Republica.

O sr. Dr. Antonio Macieira propõe uma saudação aos representantes diplomaticos das nações aliadas e aos heroicos combatentes de Verdum, em nome de Portugal.

Todos os congressistas, de pé, saudam os diplomatas, desfaldando-se, neste momento, da galeria central, uma bandeira portugueza.

Os vivas não cessam no meio de estrepitosas e extensas salva de palmas.

O entusiasmo arranca lagrimas, sobe ao delirio, é indescritivel o momento; a historica sessão de dez de março é encerrada enquanto cá fóra o povo se manifesta pela Patria e pela Republica.

Em vista da indicação do Congresso da Republica e tendo o illustre Presidente do Ministerio senhor Dr. Afonso Costa apresentado a demissão, o senhor Presidente da Republica consulta os vultos mais evidencia na politica, começando as *demarches* para a organização dum governo nacional no qual estejam representados todos os partidos da Republica,

correndo tambem boatos que desse governo fariam parte socialistas, catholicos e monarchicos.

Falou-se para presidir a esse governo nos senhores, Augusto José da Cunha, Duarte Leite, Guerra Junqueiro, Magalhães Lima, Brito Camacho e Antonio José d'Almeida.

A 13 de março é o senhor Dr. Antonio José d'Almeida quem organisa ministerio, entrando cinco democraticos, tres evolucionistas e um independente, falando-se que depois de ser creado o novo ministerio do trabalho, entraria para a pasta do Fomento mais um evolucionista; os unionistas por discordancias não quizeram fazer parte do ministerio, prometendo, todavia, apoiá-lo.

Ficou assim constituído o governo:

Presidencia e colonias—Antonio José de Almeida.

Interior — Anton o Pereira Reis.

Justiça — Luiz Pinto Mesquita Carvalho.

Finanças — Afonso Costa.

Guerra — José Mendes Ribeiro Norton de Matos.

Marinha — Victor Hugo de Azevedo Coutinho.

Estrangeiros — Augusto Luiz Vieira Soares.

Fomento — Antonio Maria da Silva.

Instrução — Joaquim Pedro Martins.

O governo apresentou-se a 16 no Congresso, onde pela boca do seu illustre chefe foi feita uma declaração patriótica, sem o menor intuito politico, a qual foi apoiada por toda a Camara.

Nesta mesma sessão foi desdobrado o ministerio do *Fomento* e creado o do *Trabalho e Previdencia Social* no qual continua o senhor engenheiro Antonio Maria da Silva, entrando para o Fomento o Dr. Fernandes Costa.

O facto de não entrarem unionistas no ministerio causou alguma surpresa e um certo desgosto a todos os republicanos —mormente aos que compreendem que no actual momento só uma preocupação é plausivel e aceitavel — a do estado de guerra em que Portugal se encontra, e que num momento para outro pode causar as *maiores* surpresas...

A «*União Republicana*» procurou justificar-se e os documentos vindos a lume, bem como as opiniões dos monarchicos e catholicos nós publicaremos successivamente, como é mister.

(Continua).

Cancioneiro do mar

21.º

Por esses mares distantes
Ha quem se deite a afogar,
Mais me afogam os teus olhos
Que toda a agua do mar.

22.º

Marinheiro d'olhos negros
Vae cantando, com tristeza,
Que hade morrer a cantar
Esta gente portugueza!...

TIPOGRAFIA
Artística do Algarve
DE
HENRIQUE MARTINS

RUA 5 DE OUTUBRO

SILVES

Encarrega-se de todos os trabalhos, estando habilitada com magnifico material e superior pessoal para executar rapidamente: **manifestos, programas, prospectos, panfletos,** impressos para repartições— especialmente para o Registo Civil e Camaras Municipaes— faturas, papeis timbrados, cartões de visita, trabalhos de encadernação broxura, etc., etc.

Preços baratissimos

TIPOGRAFIA
Artística do Algarve
HENRIQUE MARTINS
RUA 5 DE OUTUBRO

Composto e impresso
NA
Tipografia Artística do Algarve
Rua 5 de Outubro
Silves

Preços baixíssimos